

## O Amor de Uma Boa Mulher

Em Walley existe há cerca de vinte anos um museu, no qual podemos ver em exposição fotografias, batedeiras, arreios, uma velha cadeira de dentista, uma pesada descascadeira de maçãs, entre outras curiosidades, como os pequenos isoladores de vidro e porcelana que antigamente se utilizavam nos postes do telégrafo.

Outro dos objectos ali expostos é uma caixa vermelha onde se pode ler impresso D. M. WILLENS, OPTOMETRISTA, com uma nota ao lado que diz o seguinte: «Embora não seja muito antiga, esta caixa de instrumentos de optometria possui um considerável interesse local, pois pertenceu ao Dr. D. M. Willens, que morreu afogado no rio Peregrine em 1951. Supõe-se que a caixa terá sido resgatada, após o infeliz acidente, pela mesma pessoa que, anonimamente, a doou mais tarde a este museu.»

O oftalmoscópio lembra vagamente um boneco de neve — pelo menos a parte superior, a que está fixa a uma pega oca: um disco grande, encimado por outro mais pequeno. No disco grande há um furo por onde se espreita, à medida que as diferentes lentes vão deslizando. O aparelho é pesado porque está carregado ainda com as baterias. Se as tirássemos e inseríssemos a vara anexa, com um disco em cada ponta, poderíamos ligá-lo à electricidade. Mas podia ser necessário usá-lo em locais onde ainda não havia electricidade.

O retinoscópio parece mais complicado. Sob o aro circular a que se encosta a testa, vê-se algo semelhante à cabeça de um gnomo de cara redonda e plana e um pontiagudo gorro de metal. Este inclina-se num ângulo de quarenta e cinco graus em direcção a uma fina vareta, em cima da qual deveria brilhar uma pequena luz. Esta cara plana é feita em vidro, uma espécie de espelho negro.

O aparelho é de cor negra, mas apenas porque assim o pintaram. Em alguns pontos, onde a mão do optometrista terá roçado mais amiúde, a tinta desapareceu, deixando à mostra o brilho do metal prateado.

## I. JUTLAND

A este local chamava-se Jutland. Houve aqui em tempos um moinho e uma pequena povoação, mas no final do século passado já tudo isso tinha desaparecido, e o lugar nunca chegou a ser mais do que um pequeno povoado, mesmo nos seus melhores dias. Há quem pense que a povoação foi assim designada em honra da famosa batalha naval da Jutlândia, durante a Grande Guerra, mas na verdade tudo aquilo estava já em ruínas muito antes de a batalha ter tido lugar.

Os três rapazes que ali chegaram numa manhã de sábado, na Primavera de 1951, acreditavam, como a maioria das crianças, que o nome Jutland provinha das velhas pranchas de madeira que assomavam\* do solo junto à margem do rio e também das estacas grossas que emergiam da água, formando uma paliçada irregular. (E que eram, na verdade, os vestígios de uma represa, construída antes da era do betão.) Essas pranchas, um monte de pedras angulares, um arbusto de lilás, algumas macieiras enormes, deformadas por escuros nós, e a levada que conduzia a água ao moinho, e que as urtigas invadiam todos os Verões, eram os únicos vestígios do que ali existira antes.

Havia uma estrada de acesso, ou melhor um carreiro, derivado da estrada principal, que nunca chegou a ser pavimentado e aparecia nos mapas como uma linha de pontinhos. Tinha algum uso durante o Verão, quando alguns banhistas vinham até ali de carro para nadar, e à noite, por namorados em busca de um lugar tranquilo. O único sítio onde se podia fazer inversão de marcha ficava pouco antes da levada do moinho, mas o local estava de tal modo infestado de urtigas, de cheruvias e, nos anos húmidos, de maciços de cicuta selvagem, que às vezes os carros tinham que fazer em marcha-atrás o caminho de regresso à estrada principal.

Naquela manhã de Primavera via-se claramente, no chão junto à margem, a marca dos rodados de um automóvel, mas os rapazes não repararam nisso, pois de momento só pensavam em nadar. Pelo menos era isso que lhe chamariam; quando regressassem à cidade poderiam gabar-se de ter nadado em Jutland ainda com neve.

A água estava mais fria ali, rio acima, do que nas zonas ribeirinhas mais abaixo, junto à cidade. As árvores da margem não tinham ainda folhas — o único verde visível era formado pelas manchas de alho-porro bravo no chão e pelas unhas-de-cavalo, frescas como espinafres, que se estendiam ao longo de todos os fios de água que desembocavam no rio. E na outra margem, debaixo de uns cedros, os rapazes avistaram aquilo de que andavam à procura — um longo e baixo banco de neve, cinzento como as pedras.

\* Uma confusão possível porque as tábuas «assomam» ou «se projectam» («to jut out») do solo. (N. T.)

Ainda havia neve.

Assim, puderam saltar para a água e sentir o frio a apunhalá-los como uma adaga de gelo. Adagas de gelo que se lhes cravavam por trás dos olhos e na parte de cima do crânio, pelo lado de dentro. Dentro de água, agitaram por alguns momentos os braços e pernas, antes de se precipitarem para a margem, a tiritar e a bater os dentes; enfiaram depois nas roupas os membros entorpecidos, sentindo o alvoroçado sangue a regressar dolorosamente aos seus corpos, a par do alívio de quem acaba de converter em realidade uma bravata.

Os rodados de automóvel em que não tinham reparado atravessavam a levada — na qual nada crescia então, vendo-se nela apenas as ervas secas, cor de palha, do ano anterior. Atravessavam a levada e prolongavam-se até à represa do moinho, sem marcas de retorno. Os rapazes passaram-lhes por cima. Mas por essa altura estavam suficientemente próximos da água para repararem em algo bem mais extraordinário do que umas simples marcas de rodados.

Havia na água um brilho azul pálido que não se confundia com um reflexo do céu. Era um automóvel; estava obliquamente enterrado junto à margem da represa, com as rodas da frente mergulhadas na lama do fundo e a bagageira quase emergindo da água. Azul pálido era nesse tempo uma cor invulgar para um automóvel, e a forma bojuda daquele era também pouco comum. Reconheceram-no imediatamente. Era o carrinho inglês, o Austin — dificilmente haveria outro igual em toda a região. Pertencia ao Dr. Willens, o optometrista, que ao volante parecia uma figura de banda desenhada, pois era um homem corpulento, embora baixo, com os ombros largos e uma cabeça grande. Parecia sempre como que encapsulado dentro do seu pequeno carrinho, como alguém metido num fato demasiado apertado.

O automóvel tinha uma portinhola no tejadilho, que o Dr. Willens abria no tempo quente. Estava agora aberta. Os rapazes não conseguiam ver com nitidez o interior do carro. A sua cor tornava a sua forma algo indistinta dentro de água, que ainda por cima estava um pouco turva, obscurecendo qualquer superfície menos brilhante. Os rapazes agacharam-se na berma, depois deitaram-se sobre a barriga e esticaram o pescoço como tartarugas, tentando avistar alguma coisa. Através da portinhola no tejadilho via-se uma forma escura e peluda, semelhante à cauda de um grande animal, a ondular preguiçosamente na água. Depressa perceberam que se tratava de um braço, recoberto pela manga de um casaco preto de tecido grosso e felpudo. Parecia que dentro do carro estava o corpo de um homem — que só podia ser o do Dr. Willens — disposto numa posição estranha. A pressão da água — pois mesmo na represa havia alguma pressão nessa altura do ano — devia tê-lo erguido do banco e posto a flutuar, de tal modo que um dos ombros estava encostado ao tejadilho e um dos braços ondulava livremente. A cabeça devia ter sido projectada contra a janela do lado do condutor. Uma das ro-

das da frente estava mais afundada no lodo do que a outra, pelo que o automóvel estava inclinado também lateralmente. Na verdade, para que o corpo estivesse naquela posição, a janela devia estar aberta e a cabeça de fora. Mas eles não conseguiam vê-la. Podiam formar uma imagem da cara do Dr. Willens tal como a conheciam — uma cara grande e quadrada, amiúde fechada numa espécie de cenho teatral, que porém nunca chegava a ser realmente intimidatório. O seu cabelo fino e ondulado era ruivo ou acobreado, e o Dr. Willens penteava-o diagonalmente sobre a testa. As sobrancelhas eram mais escuras do que o cabelo, espessas e peludas como lagartas por cima dos olhos. Já em vida aquele rosto lhes parecia algo grotesco, tal como grotescas lhes pareciam amiúde as caras dos adultos, e não os assustaria a ideia de a ver ali, submersa. Mas tudo o que conseguiam avistar era aquele braço e a pálida mão. Podiam enxergar muito distintamente a mão, depois de aprenderem a distingui-la debaixo de água. Flutuava ali, trémula e hesitante, como uma pena, embora de aspecto tão sólido como massa de pão. E tão vulgar como esta, a partir do momento em que a pessoa se habituava à ideia de ela estar ali. As unhas eram como cinco pequenos e asseados rostos, com o seu judicioso olhar de saudação, o seu sensato repúdio das circunstâncias.

«Que cena», disseram os rapazes, juntando as suas forças, num tom de profundo respeito, de gratidão até. «*Que cena*.»

Era a primeira vez que saíam nesse ano. Tinham atravessado a ponte sobre o rio Peregrine, de duplo arco e uma só faixa de rodagem, que os locais conheciam como a Porta do Inferno ou a Armadilha Mortal — embora o perigo tivesse de facto mais a ver com a curva apertada que a estrada fazia na extremidade sul da ponte, do que propriamente com esta.

A ponte tinha um passeio para peões, mas os rapazes não o utilizaram. Não se lembravam de alguma vez o ter usado. A não ser, talvez, há muitos anos, quando eram ainda suficientemente novos para que os seus pais os conduzissem pela mão. Mas esse tempo ficara já para trás; e eles jamais admitiram ter algum dia atravessado desse modo a ponte, mesmo que alguém lhes mostrasse como prova uma fotografia ou os obrigasse a ouvir o testemunho de um familiar.

Atravessavam-na agora, caminhando sobre o rebordo de ferro no lado oposto ao passeio. O rebordo tinha vinte centímetros de largura e elevava-se a uns trinta centímetros do piso. O rio Peregrine corria veloz com a sua carga invernal de gelo e neve, agora fundidas, em direcção ao lago Huron. Tinha acabado de regressar ao seu leito depois da cheia anual, que transformava as suas margens num lago, arrancando as árvores jovens e danificando qualquer barco ou cabana ao seu alcance. Enlameado com os resíduos dos campos adjacentes, e com a pálida luz do sol a incidir-lhe na superfície,

o rio parecia um pudim de caramelo a levantar fervura. Mas se caíssemos nele, gelaríamos imediatamente, sendo arrastados depois para o lago, isto se não esborrachássemos desde logo o crânio contra os pilares da ponte.

Os carros buzonavam-lhes — num sinal de aviso ou de censura — mas os rapazes não lhes prestavam atenção. Continuaram, em fila indiana, tão determinados como sonâmbulos. Depois, na extremidade norte da ponte, cortaram para os lameiros junto ao rio, localizando de memória os trilhos percorridos no ano anterior. A cheia era ainda recente, o que dificultava a tarefa de seguir esses trilhos. Era necessário abrir caminho com as pernas, pisando as ervas altas, e saltar de um tufo de erva enlameado para outro. Por vezes saltavam atabalhoadamente e aterravam na lama ou nas poças de água deixadas pela cheia; e a partir do momento em que sentiam os pés molhados, deixavam de se preocupar onde pisavam. Avançavam pelo lodo, atravessavam charcos, e a água entrava-lhes pelo cano das botas de borracha. Soprava um vento morno, que desfazia as nuvens em fios de lã velha, enquanto as gaivotas e os corvos altercavam no céu e mergulhavam nas águas do rio. Bútiões desenhavam círculos por cima deles, vigiando lá no alto; os pintarroxos tinham acabado de regressar, e os melros de asa-vermelha voavam aos pares, tão brilhantes como se os tivessem mergulhado em tinta.

«Devia ter trazido uma vinte e dois.»

«Devia ter trazido uma de calibre doze.»

Já não tinham idade para pegarem em paus e imitar o ruído de disparos. Disseram-no num tom de pesar casual, como se de facto tivessem armas ao seu dispor.

Subiram pela margem norte até chegarem a uma praia de areia. Dizia-se que as tartarugas depositavam ali os ovos. Ainda era muito cedo para a desova, e na verdade essa história dos ovos de tartaruga já era velha — e nenhum dos rapazes vira alguma vez tartarugas no local. Mas, pelo sim pelo não, iam revolvendo a areia com os pés. Então, decidiram procurar o local onde um deles, no ano anterior, na companhia de outro rapaz, havia encontrado a bacia de uma vaca, arrastada pela corrente depois de a cheia ter alcançado os terrenos de algum matadouro. Todos os anos o rio arrastava e depositava nas margens um bom número de objectos surpreendentes, de grandes dimensões, alguns bizarros, outros domésticos. Um rolo de arame, umas escadas de madeira, uma pá retorcida, uma caçarola de fazer pipocas. A bacia da vaca tinha sido encontrada presa nos galhos de uma sumagreira — o que parecia apropriado, já que os seus ramos lisos se assemelham a cornos de vaca ou chifres de veado, alguns com as pontas cor de ferrugem.

Bateram o terreno durante algum tempo — depois de Cece Ferns lhes ter indicado o ramo exacto — mas não encontraram nada.

O osso da vaca tinha sido encontrado por Cece Ferns e Ralph Diller, e quando os outros lhes perguntaram o que era feito do osso, Cece Ferns res-